

PECADO, PENITÊNCIA E ORDENAMENTO SOCIAL NO ROMANCE DE
MELUSINA

SIN, PENANCE AND SOCIAL PLANNING INT THE ROMAN DE
MELUSINE

Flávia Aparecida Amaral¹
Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir como a noção do pecado é tratada em uma obra do século XIV, o *Romance de Melusina ou a História dos Lusignan*. A glória e poder alcançados por essa família aparecem como fruto de ações não meritórias, que fazem com que o autor esteja em uma constante tensão ao apresentar tanto a linhagem quanto sua fundadora, Melusina, na condição de pecadora/penitente. Quando discutimos essa característica da história dos Lusignan, percebemos a tensão do próprio autor em relação à figura de Melusina e de sua condição sobrenatural. A partir da natureza da relação de Raimundo e Melusina, casal que protagoniza a história do encontro feérico, aponta-se também para uma ideia de ordenamento social presente na narrativa.

Palavras-chave: *Romance de Melusina*; Pecado; Literatura medieval.

Abstract: The scope of this paper is to discuss the notion of sin treated in the 14th century book *Romance of Melusine or the History of Lusignan*. The glory and power achieved by the Lusignan family appears as a result of their unwholesome deeds; and the author feels a constant tension to introduce Melusine and her sinful and penitent lineage. When we discuss the behavior of the Lusignan's, we see the tension of the author toward Melusine and her supernatural condition. And finally, the relationship between the protagonists Raimund and Melusine gives an idea of the social establishment of the time.

Keywords: *Romance of Melusine*; Sin; Medieval literature.

Recebido em: 10/11/2010
Aprovado em: 16/01/2011

¹E-mail: flaviaamaral@hotmail.com.

1. As transgressões do *Romance de Melusina*

O *Romance de Melusina*, ou a *História dos Lusignan*, narra como a fada Melusina deu origem à linhagem dos Lusignan. Melusina se transformava em serpente da cintura para baixo todos os sábados, devido a uma maldição da qual ela só seria liberta casando-se com um homem que jamais soubesse desse castigo. O romance foi escrito por Jean d'Arras em 1392, encomendado por um dos maiores mecenas do século XIV: Jean de Berry, duque e príncipe francês.

Os eventos mais importantes do *Romance de Melusina* são estruturados a partir de algumas transgressões. Nos "contos melusinianos"², o ponto chave é o não cumprimento do interdito imposto em geral ao homem, amante, esposo, o que desencadeia a separação do casal. No *Romance de Melusina*³, a ação de Raimundo ainda mantém uma função essencial, porém outras transgressões presentes no romance têm grande importância, pois contribuem para o desenrolar da narrativa, preparando o evento central que é a revelação da condição da mulher.

A primeira das transgressões é a que causa a separação de Elinas e Presina, os pais de Melusina. De fato, trata-se da mesma estrutura presente nos "contos melusinianos". Elinas, rei da Escócia, ao encontrar casualmente Presina em uma floresta, apaixona-se perdidamente por ela e lhe propõe casamento. Ela aceita com a condição de que o homem jamais a veja no pós-parto. Os dois se casam e Presina dá a luz às três filhas: Melusina, Melhor e Palestina. Mas ele vê

² Alguns textos da Idade Média narram histórias que se estruturam da seguinte forma: um mortal, homem ou mulher, encontra um ser sobrenatural e a ele se une. Durante o tempo que está junto, o casal goza de uma união feliz e próspera. Mas sempre ocorre a separação que, na maioria das vezes, é causada pela transgressão de um interdito, geralmente imposto pelo ser sobrenatural antes da união. Textos como esses foram produzidos em diferentes locais e épocas, tanto em língua latina, quanto em línguas vernáculas, sendo que elementos diversificados são acrescentados à estrutura básica. Alguns exemplos: *Wastinus Wastiniauc*, *Edric, o selvagem* e *Henno dos Dentes Grandes* em *De nugis curialium* (1181-1194); a história de Raimundo do Castelo de Rousset narrada por Gervásio de Tilbury em seu *Otia imperialia* (1210); Em latim, existem as histórias narradas por Godofredo de Auxerre no *Super Apocalypsim* (1187-1194), como a história do *Cavaleiro no Cisne*; Em língua vernácula, temos os *Lais* de Maria de França, dos quais retiramos alguns exemplos: os *lais*² do *Lanval* e *Yonec*; Em outros *lais* e *romans*² do final do século XII, esse tema também é abordado. Dentre os *lais* podemos citar *Graelent*, *Guingamor*, *Désiré*, *Tydorel*, e entre os *romans*, *Yvain* (1180), *Partonopeu* (1182), *Florimont* (1188) de Aymon Varennes, *Bel Inconnu* (1190) de Renaut de Beaujeu, dentre outros.

³ A edição utilizada neste artigo é a de Jean-Jacques Vincensini, baseada no manuscrito da Biblioteca do Arsenal, confrontada pelo autor com todos os outros manuscritos, sendo as variações devidamente apontadas. O texto em francês antigo foi reproduzido na íntegra. D'ARRAS, Jean. *Mélusine ou La noble Histoire des Lusignan*. Nova edição crítica a partir do manuscrito da Biblioteca do Arsenal, com as variantes de todos os manuscritos. Tradução, apresentação e notas de Jean-Jacques Vincensini. Paris: Librairie Général Française, 2003.

sua mulher logo após o parto. Presina, então, parte para sempre com as filhas. Aqui temos a transgressão típica do “conto melusiniano”, o homem descumpra a promessa feita antes da união.

A segunda transgressão é consequência da primeira. Presina havia ido com as filhas para a ilha de Avalon, onde viveram por 15 anos. As irmãs descobrem a causa da separação de seus pais e Melusina trama um plano para se vingar de Elinas. Elas prendem o pai na montanha mágica de Brumborenlion, na qual ele viveria eternamente em aflições. Presina, furiosa pelo fato de as filhas terem punido Elinas, dá a cada uma um castigo.

Esse ato cometido contra o próprio pai faz com que Melusina receba sua punição e perca a possibilidade de fazer parte do mundo dos homens, uma vez que Presina, no momento da maldição, diz às filhas que a semente paterna as atraiu para a natureza humana. Dessa forma, Melusina está pronta para começar sua busca pelo homem que possa ajudá-la a se livrar da maldição, pois ela só teria uma morte natural se conseguisse se casar com um homem que jamais soubesse que aos sábados ela se transformava em serpente. D’Arras não se alonga na narração desse episódio, pois sua função é tão somente demonstrar de onde vêm as características misteriosas de Melusina.

Mas a originalidade do *Romance de Melusina* reside no fato de nenhuma ação transgressora ficar sem punição. Nas outras histórias, como a de Henno dos Dentes Grandes, por exemplo, a punição é a decadência do homem que, graças à mulher misteriosa, havia se tornado rico e próspero. D’Arras inclui no *Romance de Melusina* a vingança das filhas, que aumenta ainda mais os sofrimentos pelos quais Elinas passava devido à partida de sua mulher e de suas filhas.

O autor inclui esse fato para justificar a punição de Melusina. É para contribuir com a reflexão acerca da natureza daquela que fundou a linhagem dos Lusignan que o autor faz dela uma filha vingadora, que merece ser castigada. Presina se refere dessa forma às suas três filhas: “[...] faulses et mauvaises et tresameres et dures de cuer! Vous avéz mal fait quant cellui que vous engendrees vous avéz ainsi pugny par vostre faulx et orgueilleux couraige.”⁴

Dessa forma, a ação das três irmãs aparece aqui como condenável porque agiram contra o próprio pai, faltando com o respeito que deviam por aquele que as havia gerado. O objetivo aqui é ressaltar o caráter penitencial em relação à natureza de Melusina, como veremos posteriormente.

O próximo erro é aquele cometido por Raimundo contra seu tio. Durante a caça a um javali, Raimundo acaba matando por engano o conde Amauri, que

⁴ As citações foram retiradas do texto em francês antigo, publicado em 2003 por Vincensini. “filhas perversas e malvadas, de coração amargo e duro! Agistes mal ao punir dessa forma aquele que vos gerou, excitadas por vossa hipocrisia e vosso orgulho!”⁴ D’ARRAS, J. *op. cit.*, p. 134.

havia visto nas estrelas que, se, naquele exato momento, um homem matasse seu senhor, ele seria o mais poderoso do mundo e o mais rico de sua linhagem. O assassinato cometido por Raimundo abre as portas para o encontro do casal protagonista do romance. Sua função é garantir que a história dos Lusignan tenha início, pois logo em seguida Raimundo encontra Melusina que lhe promete casamento e prosperidade, mas impondo a condição de que ele jamais procurasse saber o que ela faz aos sábados.

Mais adiante temos o ponto de transgressão central dos “contos melusianos”. A obediência à estrutura do conto é muito clara. Por instigação de seu irmão, Raimundo segue Melusina no dia proibido e a vê em forma de serpente. Nesse momento, no entanto, d’Arras acrescenta a essa estrutura um elemento novo, já que o fato de Raimundo não cumprir a sua palavra não é a causa da separação do casal.

Posteriormente, temos os dois episódios nos quais as transgressões têm relação íntima, sendo a origem de todo o evento que levará à separação de Raimundo e Melusina. Godofredo, filho de Raimundo e Melusina, mata seu irmão e os monges de Maillezais ao incendiar a abadia. Raimundo fica sabendo, e se volta contra sua mulher, pois o ato de seu filho o havia afetado profundamente. É então que Raimundo revela a condição de Melusina, dando a conhecer que havia visto sua mulher no sábado em forma de serpente.

Há ainda a morte do irmão de Raimundo causada indiretamente por Godofredo que, pelo seu desejo de justiça, havia decidido dar-lhe uma lição quando ficou sabendo que ele instigara seu pai a ver Melusina no dia proibido. Tal evento fecha, de certa forma, o ciclo de mortes e traições perpetrado para que os Lusignan ascendessem e se mantivessem como uma linhagem rica e gloriosa.

Todas essas transgressões ocorrem dentro da própria linhagem e são o motivo de sua existência e, ao mesmo tempo, de sua decadência. Cabe aqui questionar de que forma o elemento do pecado está presente. O tempo do romance é marcado por essas transgressões que estão na origem de todos os castigos. Castigos que vão desde Elinas – preso em uma montanha – até Leão de Lusignan, que acabou perdendo seu reino e atestando a decadência dos Lusignan⁵, passando por Melusina, Raimundo, Godofredo. Em alguns casos, a

⁵ Melior, uma das irmãs de Melusina, foi encarcerada pela mãe no castelo do Gavião até que aparecesse alguém de sua linhagem para libertá-la. Vários cavaleiros já haviam ido àquele castelo para se submeterem a uma prova. Se conseguisse um bom resultado, o cavaleiro teria o direito de pedir qualquer coisa à dama do castelo, desde que não fosse seu amor. Leão de Lusignan foi ao castelo do Gavião, passou pela prova, porém exigiu ter o amor de Melior. Mesmo sabendo que tal pedido não deveria ser feito, Leão insistiu e essa foi a causa de sua desgraça. D’Arras narra esse episódio no final do romance e assim explica a causa da decadência dos Lusignan também em Chipre, que de fato ocorria no período de composição do *Romance de Melusina*.

ideia de pecado é assimilada a essas transgressões conferido-lhes um componente novo, que dá a essa narrativa características peculiares em relação aos outros “contos melusinianos”. Essas ações são condenáveis, pois transgridem alguma condição imposta, como no caso dos interditos, ou por infringir alguma lei natural como aquela evocada por Raimundo⁶. Essas ações são devidamente punidas, sendo relevante o binômio erro/castigo que nos leva a pensar em que medida essa relação se dá em termos de pecado/penitência.⁷

Cabe agora refletir em que medida esses elementos estão presentes no *Romance de Melusina*, procurando mostrar de que forma eles se conjugam na trama e que função o autor coloca sob sua responsabilidade na obra.

2. Os pecados de Godofredo

Um dos filhos de Melusina e Raimundo de grande destaque na narrativa é Godofredo, o Dentuço. À sua característica física marcante, o dente que lhe saía da boca uma polegada, se uniam as outras tão ou mais temíveis. Quando de seu nascimento, D'Arras já previne acerca de suas principais características: “ci ful granns, haulx et fourniz et fort a merveilles, hardiz et crueulx. Chascun le doubdoit qui ne ouoit parler. Et fist moult de merveilles, ainsi comme vous orrez en l'ystoire”⁸.

Godofredo, o Dentuço, com suas ações violentas e impulsivas, pretendia defender a justiça e sua linhagem. Um exemplo é que a pior ação atribuída a ele – o fratricídio – é amenizada, pois sua intenção era manter o poder e a glória dos Lusignan. Ao saber que seu irmão Fromont havia se tornado monge, incendeia a abadia de Maillezais matando os monges e seu irmão.

Raimundo lamenta profundamente a ação de Godofredo: “Haa, ce dist il, Gieffroy! Or avoies tu le plus bel commencement de prouesse et bachelerie pour venire au degré de hault honneur que filz de prince qui feust vivans. Et ores en

⁶ “Par Dieu, se je creioie mon cuer, je vous feroye mourir de male mort, mais raison naturelle me defent pour ce que vous estes mon frere”. “Por Deus, se eu ouvisse meu coração, vos daria morte vil, mas sou impedido pela lei da natureza, por serdes meu irmão”. D'ARRAS, J. op. cit., p. 662.

⁷ “O problema do pecado na cultura medieval não é compreensível fora do vínculo que mantém com a prática da penitência. O caráter remissível dos erros e o monopólio que a Igreja exerce sobre o poder de perdoar os pecados e de prescrever punições situam o binômio erro-castigo no interior de um sistema de trocas entre o mundo terreno e o Além (preces, penitências, indulgências) que constitui um dos elementos específicos da religião cristã”. CASAGRANDE, C. e VECCHIO, S. “Pecado”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial/Bauru: EDUSC, 2002, vol. 2, p. 347.

⁸ “Era alto, musculoso, espantosamente vigoroso, audacioso e cruel. Todos os que ouviram falar nele o temiam. E fez grandes maravilhas, como vereis mais tarde”. D'ARRAS, J. op. cit., p. 294.

es tu du tout desmis par ta cruauté”.⁹

Após a partida de Raimundo para uma ermida, Godofredo se torna o senhor de Lusignan, mas no fundo ele sentia muita dor pela perda de seus pais:

Lors commença Gieffroy fort a penser a ses pechiéz et dist bien que, se Dieu n’a pitié de lui, l’ame de lui est en grant peril et en voye de dampnacion. Lors entra Gieffroy en une chambre et commence a mener grant doulour et a plourer ses pechiéz, et la lui prist devocion d’aler a Romme confesseur au Saint Pere.¹⁰

É só após a concretização da estrutura do “conto melusiniano”, dentro do *Romance de Melusina*, que Godofredo se arrepende de suas ações. O fato de ir pedir a perdão ao papa é idêntico ao ocorrido com Godofredo II de Lusignan, que, após incendiar Maillezais, vai a Roma e obtém o perdão do Pontífice. D’Arras traz mais uma vez o Godofredo histórico ao romance, submetendo o Godofredo literário à culpa e ressentimento que jamais o haviam acompanhado em todas as suas ações. Com a partida de Melusina, Godofredo perde o contato com o mundo da mãe e, para ser aceito como um bom senhor, deve se redimir de suas faltas.

No entanto, essas faltas foram muito importantes para o desenrolar do romance. Apesar de se arrepender dos pecados, Godofredo não recebe qualquer penitência severa. A única exigência do Papa é que ele reconstrua a abadia de Maillezais.

O mais importante é que o pior dos atos de Godofredo aparece como sendo vontade de Deus. Melusina disse a Raimundo:

Se Geoffroy, vostre filz, a fait son oultrage par son courage merueilleux e fort, sachiéz que de certain c’es pour le pechié des moines, qui estoient de mauvaie vie et desordennee. Et a nostre Seigneur voulou avoir la punicion, combien que ceste chose soit incognoissable quant a humaine creature, car les jugements de Dieu sont si secréz que nul cueur mondain

⁹ “Ah, disse ele, Godofredo! Tu havias começado tão bem com promessas de valentia e cavalaria as mais magníficas! Tu poderias ter chegado à mais alta glória que um filho de príncipe pode desejar. Mas agora perdeste tudo devido a tua crueldade!” D’ARRAS, J. op. cit., p. 688.

¹⁰ “Godofredo começa a pensar em seus pecados e conclui que, se Deus não tivesse piedade dele, sua alma estaria em grande perigo, a caminho da danação. Então entrou num grande quarto e começou a lamentar-se e a chorar por seus pecados, tomando a piedosa decisão de ir a Roma confessar-se com o Santo Padre”. Idem, p. 736.

ne les puet comprendre en son entendement.¹¹

Dessa forma, o autor volta ao argumento inicial do romance. O Godofredo pecador, nesse sentido, não existe. As ideias de pecado/penitência são atribuídas a ele; porém, tudo é amenizado por suas ações estarem submetidas à vontade de Deus. Segundo Carla Casagrande e Silvana Vecchio¹², a escola nominalista dos séculos XIV e XV elaborou a ideia de que o pecado não era a contravenção a uma racionalidade objetiva, tal como havia definido a corrente tomista. O pecado seria infligir o que Deus estabelece como seu mandamento, ou seja, infligir a *vontade* de Deus. A vontade de Deus, entretanto, não seria apreendida por quaisquer critérios de racionalidade. Ao ser partidário dessa ideia da vontade de Deus, como aquilo que escapa à racionalidade, e ao transmitir essa ideia a tudo o que acontece dentro do romance, D'Arras dá uma roupagem diferente a ideia de pecado, erro, penitência e castigo no *Romance de Melusina*.

Raimundo, ao lamentar a ação de Godofredo que causou a morte de Fromont, afirma que "(...) *tous ceulx qui sont forcennéz de yre sont au commandement des princes d'enfer et par ce fist Gieffroy le grant et horrible et hideux forfait d'ardoir son frere et les moines qui mort ne avoient poist desservie*".¹³

Em seguida, Melusina não só diz que Godofredo foi apenas um instrumento nas mãos de Deus, para que os monges devassos fossem punidos, mas argumenta serem as punições divinas abismos insondáveis. Há nesse ponto uma tensão: o ato de Godofredo era divino ou demoníaco? Jean Gerson (1363 -1429), teólogo e chanceler da Universidade de Paris, influenciado pelas discussões acerca do pecado no século XIV, no seu *O proveito de saber o que é pecado mortal e venial*, discorre sobre a ira estabelecendo algumas diferenciações. A ira, para o autor, era pecado mortal quando havia o desejo de vingança e de fazer mal aos outros, já que isso é contrário à caridade.¹⁴ Em outros casos, a ira é

¹¹"Se Godofredo, vosso filho, cometeu essa ofensa, arrebatado pela extraordinária violência de seus sentimentos, sabeí que foi devido ao pecado dos monges, que levavam a vida na devassidão e no desregramento. Nosso Senhor quis puni-los, e esse tipo de coisa, não pode ser conhecido pela criatura humana, pois os juízos de Deus são tão misteriosos que ninguém neste mundo os pode compreender com seu entendimento limitado". D'ARRAS, J. op. cit., p. 692.

¹²CASAGRANDE, C. e VECCHIO, S. op. cit.

¹³"*todos aqueles que ficam ensandecidos pela ira estão sob o domínio dos príncipes do inferno; foi por isso que Godofredo cometeu esse grande, horrível, hediondo delito de queimar o próprio irmão e os monges, que não mereciam a morte*". D'ARRAS, J. op. cit., p. 694.

¹⁴GERSON, J. *De profit de savoir quel est peché mortel e véniel*. Texto completo disponível no site: <www.jesusmarie.com/jean_de_gerson.rar> Acesso em: 22/11/2006. O que para esse autor diferencia o pecado mortal do venial é o fato daquele ocasionar a perda da graça de Deus, a danação da alma e deste levar a uma punição temporal. Existiriam assim os pecados mortais e os veniais, "da mesma forma que vedes que o rei faz algumas leis sob pena de morte, e alguns sob pena

pecado venial: quando ela se manifesta como falta de amor em relação às pessoas, pois aí representa a falta ou diminuição de caridade. Em outros casos, a ira sequer é pecado, quando, por exemplo, ela se manifesta não contra as pessoas, mas contra os pecados. Por vezes, a ira também se deve à natureza da pessoa “como algumas pessoas velhas e melancólicas são por natureza iradas e enfurecidas”¹⁵. Nesse caso, a ira também não é pecado, mas é parte da natureza das pessoas.

A variedade de tais definições nos leva a pensar as nuances que poderiam ser atribuídas ao pecado da ira cometido por Godofredo, tal como apontara seu pai Raimundo. Ele próprio, segundo d'Arras, via que Melusina estava coberta de razão quando defendia Godofredo. “Quand Remond entendy parler Melusigne, si scet bien qu'elle lui dit voir de quant qu'elle lui avoit dit, et que c'est le meilleur selon raison, mais il fu si tresperciéz et oultréz de yre que raison naturelle s'en estoit fuye de lui.”¹⁶ A ira de Raimundo impediu que ele agisse com sabedoria, apesar de perceber que a razão estava do lado de Melusina. O uso da ira como causa de atos insensatos é referido por d'Arras em sequência: Raimundo acusa Godofredo de estar possuído pela ira e em seguida d'Arras atribui tal sentimento ao próprio Raimundo. Entretanto, sobressai o fato do ato de Godofredo estar de acordo com os desígnios divinos. Tal como aponta Jean Gerson, a ira de Godofredo teve como alvo o pecado. À ideia de Raimundo, para quem Godofredo estaria possuído pelos príncipes do inferno, Melusina responde mostrando um lado de Deus, que é punitivo e que agiu na pessoa de Godofredo. A ira de Godofredo, portanto, não era pecado.

A partir dos indícios apresentados pelo autor, não é possível estabelecer de forma definitiva as condições daqueles que participaram da história dos Lusignan no que toca a esse assunto. Os pecados estão presentes e também as punições e penitências. No entanto, não há como definir o limite entre a liberdade dos personagens e os desígnios divinos. Trata-se de uma estratégia interessante do autor, para manter o mistério que envolve a história da linhagem. Tal estratégia se desenvolve de forma mais intensa em torno da figura de Melusina.

temporal, como pagamento de dinheiro ou prisão por algum tempo.” p. 376. A partir daí, Gerson vai discorrer sobre os sete pecados capitais mostrando quando eles são ou não pecados mortais.

¹⁵ GERSON, J. op. cit., p. 376.

¹⁶ “Quando Raimundo ouviu Melusina, percebeu que tudo o que ela dizia estava certo, e que aquela era a melhor atitude, a mais razoável. Mas sua ira era tanta que nele não havia mais nenhuma sensatez.” D'ARRAS, J. op. cit., p. 692.

3 - A natureza de Melusina: penitência e ordenamento social

3.1. Melusina penitente

O caso de Melusina é o mais claramente associado à penitência. Na frase com a qual d'Arras introduz a história dos Lusignan, ele cita Davi: "David le prophete dit que les jugements et punicions de Dieu sont comme abysme sans rive et sans fons et n'est pas saige qui les cuide comprendre avec en son engin."¹⁷ Nesse momento d'Arras se refere ao Salmo 35,¹⁸ que evoca a estupidez dos ímpios ao se manterem no caminho da iniquidade e a recompensa daqueles que se mantêm fiéis a Deus. O argumento de d'Arras tem como base o julgamento infalível de Deus e a misericórdia também certa do Senhor. Julgamento infalível, mas um tanto inacessível da mesma forma que os abismos profundos.

Mais à frente, d'Arras nos apresenta as fadas como seres punidos secretamente por Deus. O autor diz que, de acordo com Gervásio de Tibulry, as punições se devem a algumas faltas secretas que ninguém conhece, mas ofensivas a Deus. Em seguida, o autor evoca a existência de seres misteriosos, como consequência de uma punição. Quando Raimundo é tentado a procurar saber o que Melusina faz aos sábados, seu irmão diz: "Et les autres dient et maintiennent que c'est un esperit fae, qui le samedy fait sa pennance".¹⁹ No final da narrativa, d'Arras evoca novamente os juízos de Deus, para dar autenticidade à narrativa que poderia parecer incrível a algumas pessoas, adicionando a esse argumento a ideia defendida por Paulo na *Epístola aos Romanos*. Segundo ela, o homem pode conhecer todas as coisas da criação, exceto os segredos insondáveis de Deus.

A ideia de punição serve para aliviar a tensão sobre a natureza de Melusina. É uma tensão do próprio autor, já que as *mirabilia* podiam ser também ilusões do diabo.²⁰ Esse dilema está presente também em Raimundo quando ele descobre o que Godofredo havia feito contra o próprio irmão:

¹⁷ "O profeta Davi disse: 'Tua justiça e punições, Deus, são abismos sem beira, nem fundo e é tolo aquele que imagina compreendê-las com a razão'." D'ARRAS, J. op. cit., p.112.

¹⁸ "A tua justiça é como as grandes montanhas; / Os teus juízos um abismo profundo. / Tu senhor, salvarás o homem e os animais." BÍBLIA SAGRADA. Gamma Editorial: Rio de Janeiro, 1982.

¹⁹ "Outros afirmam que vossa mulher é um espírito sobrenatural que faz penitência aos sábados". D'ARRAS, J. op. cit., 658.

²⁰ As *mirabilia* distinguiam-se das *miracula* pelo fato destas contarem com uma intervenção divina, ao passo que as *mirabilia* seriam eventos naturais, mas que por sua excentricidade podiam trazer espanto aos homens. Esta é uma distinção clássica entre *miracula* e *mirabilia* adotada por muitos medievalistas, em especial Jacques Le Goff. Cf. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1986. Esta distinção também foi usada por Stefano Mula no texto: Cf. MULA, S. "Les modèles d'autorité religieuse dans la narration profane (XIIe-XIIIe siècle)". In: ZIMMERMAN, M. (org.) *Auctor et auctoritas. Invention et conformisme dans l'écriture médiévale*. Paris: École de Chartes, 2001. p.161-173. p. 166.

Par la foy que je doy a Dieu, je croy que ce ne soit qui fantosme de ceste femme ne ne croy pas que ja fruit qu'elle a porte viengne a perfection du bien. Elle n'a porte enfant qui n'ait apporté quelque estrange signe sur terre. Ne veéz Orrible qui n'as pás 7 ans acomppliz, qui a já occiz deux de mes escuiers ? (...) Et ne vy je leur mere, le samedy que mon frere de Forests m'acointa les males nouvelles, em form de serpente du nombril en aval? Ci fiz par Dieu! C'est aucune esperite ou c'est toute fantosme ou illusion qui m'a ainsi abuse. Premiere foiz que je la vy, ne me sçot elle bien a dire toute ma mesaventure?²¹

No momento em que Raimundo briga com Melusina, devido à ação nefasta de Godofredo, ele exclama: "Hee. Tresfaulse serpente, tu ne tes fais ne sont que fantosme."²² Mas antes dessa discussão em que Raimundo profere tais ofensas contra Melusina, d'Arras, ao narrar como eles se encontraram, faz questão de acrescentar um qualificativo ao nome de Melusina. Ao invés de dizer como nas outras passagens "Então Melusina ..." acrescentando em seguida uma ação, ele diz: "Melusigne, la bonne dame, bien acompaignie de dames et de damoiselles et de barosn du paÿs, entra en la chambre ou Remond estoit".²³ Todas aquelas dúvidas de Raimundo são amenizadas por essa qualidade estrategicamente evocada pelo autor nesse momento.

Após as ofensas de Raimundo, Melusina revela o motivo pelo qual assumia a forma de serpente: "or me ras tu embatue en la penance obscure ou j'avoye longtemps este par ma mesaventure et ainsi la me faudra porter et souffrir jusques au jour du Jugement".²⁴ Ela mesma se coloca nessa posição para afastar de Raimundo todos os pensamentos que o levavam a associá-la a um ser maligno.

Em seguida, d'Arras volta à profusão de elogios em relação à Melusina. Segundo o autor, todos lamentavam o fato de terem perdido "plus vaillan dame qui oncques gouvernast terre et la plus sage, la plus humble. La plus charitable, la mieulx ammee et la plus privee a la necessité de ses gens, qui oncques feust

²¹ "Pela fé que tenho em Deus, acho que essa mulher não passa de espírito malfazejo, não acho que o fruto de suas entranhas possa vir à perfeição do bem. Ela só pôs no mundo filhos marcados por estranhos sinais. Porventura não temos Horrível, que ainda não completou sete anos e já matou dois escudeiros meus? [...] e no sábado em que meu irmão, conde de Forez, me informou dos boatos que corriam, por ventura não vi a mãe deles com forma de serpente do umbigo para baixo? É algum espírito maligno, ou um ser fantástico ou ainda uma ilusão que me enganou. A primeira vez em que a vi, porventura não soube ela me dizer tudo que me sucedera?" D'ARRAS, J. op. cit., p. 688.

²² "Ah pérfida serpente! Por Deus tu e teus atos não são mais que ilusões." D'ARRAS, J. op. cit., p. 692.

²³ "Melusina, a boa dama, bem acompanhada de damas e damizelas e de barões da região, entra no quarto onde Raimundo estava." Idem.

²⁴ "Agora me devolveste à obscura penitência que muito tempo conheci, por causa de um erro meu. E essa penitência agora terei de suportar até o dia do Juízo. [...]" Idem, p. 696.

veue”.²⁵ Todas essas qualidades são colocadas de modo a suplantar todas as dúvidas e tensões de Raimundo em relação a Melusina. A comoção do povo das redondezas, suas lamentações devido às inúmeras e nobres qualidades de Melusina têm a função de colocar por terra as identificações que Raimundo fez entre Melusina e espíritos malignos, diabólicos e enganadores. A insistência do autor em identificar Melusina como alguém que cumpre uma penitência, bem como os qualificativos empregados em relação a ela – boa, humilde, amável – demonstram a tentativa do autor em esclarecer a natureza de seu ser. Ela era uma penitente, que só tentava voltar à condição humana para receber a dádiva da salvação de sua alma.

Quando conheceu Raimundo, Melusina frisou: “Et saiches queje sçay bien que tu cuides que ce soit fantosme ou euvre dyabolique de mon fait et de mes paroles, mais je te certifie que je suiz de par Dieu et croy en tout quanque vraye catholique doit croire.”²⁶ Dessa forma, o autor insere Melusina em um contexto diverso daquele em que estavam as outras mulheres dos “contos melusinianos”. A mulher de Henno, por exemplo, não suportava assistir ao momento da consagração durante a missa e fugia à aspensão da água benta. Tamanho foi o poder conferido aos elementos cristãos nessa história, que eles foram capazes de revelar a natureza da esposa de Henno. No *Romance de Melusina*, o desejo da mulher em reforçar sua condição de católica é expresso pela sua insistência em frequentar as missas, nas construções de inúmeras igrejas e até mesmo em seus discursos. Esses elementos cristãos não tinham uma função reveladora, mas serviam na narrativa de d’Arras para reforçar a ideia da penitência que Melusina cumpria afastando qualquer relação entre ela e o mundo diabólico.

Jacques Chiffolleau, ao discutir as noções de segredo e oculto em relação à Igreja no período medieval, percebe que aquilo que é chamado de oculto parece abrir uma possibilidade para que em cada indivíduo exista uma zona de isenção, que está colocada somente aos olhos de Deus. O oculto, da forma como este autor define, “parece ser consubstancial a certas realidades não conhecíveis e superiores, divinas ou diabólicas”²⁷. As *occulta* são ainda aquilo que escapa ao conhecimento imperfeito do homem, devendo ser, por isso, respeitadas. D’Arras leva essa ideia de algo que só está ao alcance dos olhos de Deus, para a estrutura do seu romance. De acordo com Chiffolleau, Gregório, o Grande, em *Moralia in Job*, fala sobre a natureza oculta dos julgamentos divinos, lembrando

²⁵ “A mais admirável dama que já governou alguma terra, a mais sábia, a mais humilde, caridosa, a mais amada, a mais sensível às necessidades de seu povo.” Idem, p. 698.

²⁶ “Sabei que eu bem sei que pensas que meus atos e minhas palavras são ilusões ou vêm de poderes diabólicos, mas eu posso te certificar, ao contrário, que participo do mundo de Deus e creio em tudo o que uma verdadeira católica deve crer.” D’ARRAS, J. op. cit., p. 164.

²⁷ CHIFFOLEAU, J. “ ‘Ecclesia de occultis non iudicat’? L’eglise, le secret, l’occulte du XIIe au XVe siècle. In: *Micrologus. Nature, sciences and medieval studies*. n 14, 2005, p.359-481. p. 362.

as oposições e paradoxos do bem e do mal que se manifestam para exaltar o poder divino e o caráter não conhecível de suas decisões. D'Arras enquadra, nesse contexto, a punição de Melusina, que se torna prova do quão incognoscíveis são as decisões divinas. “Esta *scientia* perfeita de Deus está resolutamente além de todos os saberes humanos, que continuam parciais, imperfeitos, incompletos. Ninguém pode, verdadeiramente, ter acesso a isso.”²⁸

Além disso, D'Arras transforma a metamorfose de Melusina em uma penitência secreta. Tanto a falta de Melusina como sua penitência devem ser mantidas em segredo. De acordo com Chiffolleau, para evitar o escândalo e permitir a remissão, a purgação, a reparação de tais faltas secretas, elas devem ser mantidas escondidas. Isso tinha o objetivo de impedir a contaminação pelo escândalo, mas também estava de acordo com uma concepção de pena que não é “somente exemplar, mas também purgativa e medicinal”.²⁹ A punição secreta de Melusina é outra característica extremamente original desse “conto melusiniano”, já que, nos outros, nenhum castigo foi o causador da natureza misteriosa da mulher ou do homem. Obviamente Melusina jamais se redimiria de sua falta, pois o conto exige que ela se mantenha eternamente na sua condição não humana. O que deve ser ressaltado aqui é o fato de d'Arras construir sua narrativa com os parâmetros que o cristianismo medieval criou acerca da penitência e do casamento, estabelecendo relações entre a estrutura do conto com as ideias do seu período.

O discurso de Melusina, na partida de Guido e Uriã para o Oriente, destaca seu papel como defensora primeira da Igreja:

Enfans, je vous encharge que en tous les lieux que vous seréz que tout les jours vous oÿez le service divin tout premierement que vous faciéz autre chose. Et en tous voz affaires reclaméz l'aide de vostre Createur et le servivéz diligemmen et améz et creniééz comme vostre Dieu e vostre Createurs, et nostre mere sainte Eglise soustenéz si vrais champions encontre tous ses malveullans. Et aidiéz et conseilliez les vefves et orphelins, et honnouréz toutes dames et confortéz toutes pucelles (...) Améz les gentilz hommes et leur tenéz compaigne, soyéz humbles et humains au grant et au petit.³⁰

²⁸ CHIFFOLEAU, J. op. cit., p. 380.

²⁹ Idem, p. 372.

³⁰ “Meus filhos, eu vos recomendo que onde quer que estiverdes, começai o dia assistido ao serviço divino, antes de qualquer coisa. Em vossos projetos implorai a ajuda de vosso criador; servi diligentemente, amai e temeí vosso Deus e vosso criador. Defendei nossa santa mãe Igreja, e sedes seus verdadeiros paladinos contra todos os seus inimigos. Defendei as viúvas e os órfãos; respeitai todas as senhoras, socorrei todas as jovens [...]. Prezai os homens de nobre nascimento e buscai sua companhia. Sede humildes e humanos tanto diante dos grandes quanto diante dos pequenos.[...]”. D'ARRAS, J. op. cit., p. 87,88,89.

O enorme discurso do qual esse trecho foi extraído³¹ contém normas para o comportamento na guerra, nas batalhas e em relação à administração de territórios conquistados. Vincisini atenta para o fato de que tais exortações são baseadas naquelas presentes no *Secret des secrets*, obra do início do século XIV, na qual constam alguns conselhos para um bom governo³². No entanto, as referências veementes de Melusina em relação a Deus e à Igreja foram introduzidas por D'Arras para a construção da imagem de Melusina, como defensora dos valores e ideais católicos.

Após a discussão com Raimundo, Melusina lhe revela qual era o seu maior desejo:

[
...] se tu ne m'eusses fausse je estoye gectee et exempte e de paine et de tourment. Et vescu cours naturel comme femme naturelle et feusse morte naturellement et eu tous mes sacremens, et eusse esté ensevelie et enterree en l'eglise de Nostre Dame de Lusegnen, et eust on fait mon unniversaire bien et deument.³³

Melusina desejava ardentemente sua salvação. Entretanto, não devemos negligenciar a insistência na palavra natural no trecho acima que marca a especificidade de Melusina em relação às outras mulheres. Se por um lado, a faz mais poderosa, por outro a exclui do projeto de salvação da humanidade. A importância dos sacramentos e de toda ritualística, após uma morte natural, suplanta todas as possíveis vantagens de uma condição não humana. A única chance de salvação de Melusina era se submeter ao universo cristão, mas não só de crenças, já que ela sempre salienta toda sua confiança e crença nos desígnios de Deus, e afirma crer “em tudo o que uma verdadeira católica deve crer”. Melusina parece ser aquela que mais acredita no poder onipresente e onisciente de Deus e em sua misericórdia. No momento de sua discussão com Raimundo, ela não deixa de lembrar:

vouléz vous argüer contre la vounté du Createur des crestures, qui

³¹ Na edição que está sendo utilizada ele ocupa 4 páginas: 304, 306, 308 e 310.

³² VINCENSINI, J-J. “Introduction” ... op. cit. p. 307. A respeito do *Secret du secrets* cf. LORÉE, D. “Le statut de *Secret du Secrets* dans la difusion enciclopedique du Moyen Âge”. In: “Encyclopédies médiévales, discours et saviors”, Cahiers Diderot, 2004. pp. 155-172.

³³ “[...] se tu não me tivesses traído, eu me salvaria das minhas penas e dos meus tormentos, viveria uma vida natural, como mulher natural, morreria naturalmente com todos os sacramentos, seria enterrada na igreja de Nossa Senhora de Lusignan, e seriam celebradas as devidas missas em minha memória.” D'ARRAS, J. op. cit., p. 696.

tout a fait et deffera a son plaisir, quant il lui plaira? Sachiez qu'il n'a si grant pecheur ou monde que Dieu ne soit plus grant pardonneur et plus debonaire, quant le pecheur se repente t luicrie mercy de bon cuer et de bonne voulonté.³⁴

A sua única forma de voltar ao mundo dos homens seria pelo casamento. Era por meio dele que Melusina poderia voltar à comunidade dos cristãos para ser salva. O casamento era considerado vetor da *caritas*, importante valor cristão, que, de acordo com Anita Guerreau-Jalabert³⁵, era a base da sociedade cristã. Forma espiritual do amor, a *caritas*, o cimento dos laços das relações de Deus com os homens, dos homens com Deus e entre os homens por Deus. O casamento foi ainda considerado por Graciano como *seminarium caritatis*, a fonte da caridade.³⁶ Como afirma Cláudia Bovo, durante o período medieval “Mais que uma união contratualmente carnal, o casamento torna-se um vínculo espiritual sagrado, permitindo a salvação divina àqueles que, recebendo-o, fazem uma profissão de fé”³⁷. Nesse ponto, há uma cristianização máxima da estrutura do “conto melusiniano” em d’Arras. A mulher-serpente transformada em penitente deseja voltar ao mundo dos homens e o casamento é escolhido como a única forma pela qual ela poderia ter sua salvação³⁸. Nada disso pode ser observado nos outros “contos melusinos” nos quais sequer ficamos sabendo se a mulher desejava ou não assumir a forma humana.

No entanto, a punição de Melusina modificou de tal forma sua natureza, que ela havia deixado de ser humana. Antes de conhecer Raimundo, Melusina sabia o nome dele e toda a aventura pela qual ele tinha passado; só ela sabia

³⁴ “quereis condenar a vontade de vosso Criador, que tudo fez e desfará quando quiser, quando Lhe aprouver? Sabei que não há pecador, por maior que seja por quem Deus não demonstre ainda mais misericórdia, em sua bondade se ele se arrepender e pedir perdão com boa vontade, com coração sincero”. D’ARRAS, J. op. cit., 692.

³⁵ GUERREAU-JALABERT, A. “Parentesco” ... op. cit.

³⁶ Idem.

³⁷ BOVO, C. *Filiação, vassalagem e matrimônio no Tistan de Béroul (século XII)*. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História da Unesp, campus de Franca. Franca, 2004.p. 108.

³⁸ O debate acerca das virtudes que se adquire com o casamento têm lugar de destaque ainda nos séculos XIV e XV. Jean Gerson baseia-se em Agostinho (*De bono coniugali*) para firmar que o casamento origina três bens: fé, descendência e sacramento. A respeito do casamento entre a Vigem Maria e José ele afirma em seu *Considérations sur Saint Joseh* de 1413: “Considerons en surplus que ce mariage, comme dit l' Apostre', est grant sacrement en la signification de Dieu et de l'Eglise, car ycy furent les trois biens de mariage, foy, lignye et sacrement; ycy fut foy, sans violacion ou fornicacion; ycy fut lignie, par legitime gene racion; ycy fut sacrement, sans dissolucion o separacion. Si est ycy mariage parfait et entier, jasai ce que commixtion charnele ou corrupcion n'y ait este.” GERSON, J. op. cit. p. 65. Texto completo disponível no site: <www.jesusmarie.com/jean_de_gerson.rar> Acesso em: 22/11/2006.

que o incêndio provocado por Godofredo na abadia de Maillezais era fruto da justiça divina. Foi na boca de Melusina que d'Arras colocou aquela frase que se tornou a mais absoluta verdade da narrativa: "(...) *les jugements de Dieu sont si secréz que nul cueur mondain ne les puet comprendre en son entendement*".³⁹ Como o casamento entre seres dessemelhantes poderia obter os resultados esperados?

A punição de Melusina abriu as portas para que seu conhecimento acerca dos planos de Deus fossem maiores, no entanto, a excluiu do mundo dos homens, impossibilitando sua salvação. Ela se tornara imortal, seu corpo era eterno. Como a salvação poderia se dar nessas condições?

Dessa forma, d'Arras obedece à estrutura adicionando elementos cristãos para que se compreenda a necessidade da separação de Raimundo e Melusina. Tal necessidade é o ponto chave discutido pelos "contos melusinianos": "a bela esposa não pode ser considerada como um ser do nosso mundo ainda que alguns de seus atos tentem assegurar isso."⁴⁰ Para Vincensini, todo julgamento sobre o ser da mulher deve ser afastado, para que haja a comunicação entre os dois mundos. Este autor ainda afirma que os textos chamados de "contos melusinianos" transpõem alguns dos obstáculos que a humanidade enfrenta desde os primórdios: a diferença dos sexos, das espécies, dos mundos. Para ele, o "conto melusiniano" quer travar uma comunicação entre dois seres ontologicamente separados. Trata-se de uma relação que jamais será completada, uma verdade que jamais será totalmente revelada: "Alguma coisa continua escondendo o que não se pode conhecer."⁴¹ É por isso que alguns fatos precisam fugir a esse invólucro cristão criado por Jean d'Arras. Não pode passar despercebido o fato de Melusina não ter recebido uma punição exatamente de Deus, mas de sua mãe, que também era um ser misterioso. A origem daquele poder continua desconhecida durante toda a narrativa. Como Presina teria tamanho poder de amaldiçoar? Por que Deus não livra Melusina de suas penas, já que ela própria afirma não há nenhum pecador no mundo, por maior que seja seu pecado, que não receberá o perdão de Deus? Jean d'Arras se esforça, como vimos, para enquadrá-la no mundo cristão, mas a sua própria natureza feérica a impede de se encaixar totalmente. Nesse ponto, atua novamente o argumento de d'Arras a respeito dos julgamentos de Deus, o mundo de Melusina não pode ser conhecido pela mente humana que é tão limitada.

³⁹ "[...] os julgamentos de Deus são tão secretos que nenhum homem neste mundo não pode compreender com seu entendimento" D'ARRAS, J. op. cit., p. 692.

⁴⁰ VINCENSINI, J-J. *Pensée mytique et narracions...* op. cit. p. 227.

⁴¹ Idem, p. 229.

3.2. O ordenamento social no *Romance de Melusina*

Ao refletirmos sobre a natureza de Melusina, seu poder e o alcance desse poder, deparamos com uma situação intrigante. O poder da fada parece ilimitado tanto no que diz respeito ao conhecimento de certas questões que não estão ao alcance dos seres humanos, como para se estabelecer no mundo uma linhagem rica e poderosa. No entanto, para que o poder de Melusina atue, ele deve se submeter a alguns padrões. Ela só pode agir a partir do momento em que esteja casada com Raimundo. A comunicação com esse mundo tal como apontada por Vincencisi, só é possível a partir do intermediário que, nesse caso, é Raimundo. A forma, porém, como Melusina torna Raimundo um poderoso senhor mostra que deve haver uma contrapartida do poder terreno para que o poder misterioso de Melusina possa atuar.

No episódio da caça ao javali, na qual Raimundo mata seu tio Amauri acidentalmente, o vocabulário que revela a natureza da relação entre eles pode esclarecer a forma como Raimundo se encontrava submetido àquela estrutura de poder. Raimundo, hierarquicamente inferior a Amauri, refere-se a ele como “monseigneur” e “mes sire” diretamente por quatro vezes, três como vocativo⁴² e uma vez indiretamente “Mes sire (...) me dist, se telle aventure m’avenoit, que je seroie le plus honnouréz de mon lignaige”⁴³. O narrador lembra indiretamente, por três vezes, o fato de Amauri ser senhor de Raimundo: “Lorsvint a son seigneur”.⁴⁴; “Remondin fu partiz de son seigneur”.⁴⁵; Raimundo tinha “Grant contriction qu’il avoit de la mort de son seigneur”.⁴⁶. Após a morte de Amauri, Raimundo seguindo os conselhos de Melusina, se dirige a Bertran, seu primo, dizendo que deveria receber um presente devido aos serviços que ele havia feito “de mon seigneur vostre pere”.⁴⁷

As referências que identificam Amauri como tio (“oncle”) e Raimundo como sobrinho (“nepveu”) são feitas indiretamente pelo narrador: “*demande le conte Aymery de Poitiers a cellui de Forez qu’il laissast Remondin, son nepveu, et quil ne lui chaulsist jamais de lui, car il le pouverroit bien (...). et demoura Remondin avec le conte, son oncle, qui moult l’ama.*”⁴⁸. Raimundo “et se penoit moult de servir le

⁴² D’ARRAS, J. op. cit., p.150,152 e158.

⁴³ “Meu senhor disse que se tal aventura me acontecesse eu seria o homem mais honrado de minha linhagem” Idem, p. 158.

⁴⁴ “Então ele vem a seu senhor”. Idem.

⁴⁵ “Raimundo deixa seu senhor” Idem.

⁴⁶ “grande arrependimento pela morte de seu senhor” Idem, p. 172.

⁴⁷ “a meu senhor, vosso pai”. Idem, p. 180.

⁴⁸ “O conde Amaruri de Poitiers pede ao do Forez [pai de Raimundo] que deixe Raimundo, seu sobrinho e que não se preocupasse, pois ele lhe garantiria seu futuro. [...] E Raimundo fica com o conde, seu tio, que muito o ama”. D’ARRAS, J. op. cit., p. 142.

conte son oncle, et de lui faire plaisir".⁴⁹ Durante a caçada, todos perderam o rastro do javali, exceto "le conte et son nepveu, Remondin".⁵⁰ Após a morte de Amauri, Raimundo se arrependia muito devido à afeição que tinha pelo conde "son oncle".⁵¹ Amauri sempre se refere a Raimundo usando o vocativo "Beau nepveu".⁵²

O poder exercido por Amauri sobre Raimundo não é bem explicitado no romance, já que, pelo que tudo indica, Raimundo sequer foi feito cavaleiro pelo conde.⁵³ Não nos esqueçamos de que o vocábulo *seigneur*,⁵⁴ no período medieval, poderia se referir ao próprio Deus, a algum homem a quem alguém se submetia por laços de fidelidade devido à homenagem, ao adubamento, podendo também ser usado no contexto da parentela. Quando alguém se refere ao outro como seu senhor, esse alguém indica que tal pessoa detém alguma autoridade sobre si. Contudo, o romance não nos oferece elementos suficientes para determinar a relação de Raimundo e Amauri. Ao que parece o primeiro foi aceito entre os homens de Amauri para que fosse cuidado pelo conde, que sempre reforçou o laço consanguíneo que o ligava a Raimundo por sempre se referir a ele como "nepveu". Raimundo, por sua vez, parece ter clara noção de sua submissão ao conde, talvez porque fosse seu sobrinho e estivesse sob seus cuidados⁵⁵.

Com a morte do conde, no entanto, Raimundo passa a se submeter ao filho de Amauri, Bertran. Por ocasião do casamento de Raimundo e Melusina, Bertran insistia em saber quem era aquela mulher com quem o primo se casava. Raimundo fica furioso com "[...] ly conte de Poictiers, ses sires, et ly conte de

⁴⁹"se esforçava muito para servir o conde, seu tio, e para alegrá-lo." Idem, p. 148.

⁵⁰"o conde e seu sobrinho, Raimundo." Idem.

⁵¹"seu tio" . Idem, p. 172.

⁵² Idem. p. 140, 150.

⁵³ Raimundo participa da festa em que seu primo Bertran havia sido adubado, bem como seu irmão mais velho. Segundo Jean Flori, o adubamento desde o século XII já havia deixado de ser uma mera entrega de armas ao novo cavaleiro, passando a significar também uma certa concessão de autoridade por parte daquele que entregava as armas. Tal autoridade, no entanto não significava uma independência daquele que havia recebido o aparato necessário às batalhas, já que ele tinha o dever de lutar por aquele que o havia concedido tais acessórios e a cavalaria. Como Raimundo não foi feito cavaleiro por Amauri, essa possibilidade de vinculação de Raimundo em relação a Amauri por ser seu cavaleiro, deve ser descartada. Cf. FLORI, J. *La chevalerie*. Paris: Editions Gisserot, 1988.

⁵⁴ Alain Guerreau faz essa discussão quando reflete sobre a noção de *dominium* em *Feudalismo: um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, 1980.

⁵⁵ A relação de avunculato parece não ser suficiente para explicar o fato de Raimundo estar sob os cuidados de Amauri. O avunculato é uma relação privilegiada existente entre o sobrinho e seu tio materno que o mantém sob sua autoridade. No caso de *Romance de Melusina*, a relação entre Raimundo e seu tio é determinada pela linha paterna. Cf. GUERREAU-JALABERT, A. "Parentesco" ... op. cit.

forests ses freres".⁵⁶ Raimundo aparece submetido ao poder desses senhores que deveriam cuidar de seu futuro pela solidariedade que unia os irmãos Amauri, conde de Poitiers, e o pai de Raimundo, conde do Forez. D'Arras deixa bem marcada essa condição de Raimundo que não havia recebido sequer a cavalaria das mãos de seu tio, não tendo recebido também nenhuma dádiva antes de sua morte. D'Arras apenas nos informa que o sobrinho fazia o máximo para servir a seu tio da melhor forma possível. No entanto, para que Raimundo fosse transformado da noite para o dia em um nobre e poderoso senhor, só mesmo devido a um acontecimento extraordinário.

D'Arras utiliza a relação entre Raimundo e seu tio para definir bem a condição em que o primeiro se encontrava; submetido ao poder de outros, sem posses e com pouquíssimas chances de se tornar o rico e poderoso senhor que se tornara depois. Tal estratégia de d'Arras visa dar uma maior valorização ao poder de Melusina que pode modificar por completo tal situação.

Entretanto, a aventura em que se envolveu Raimundo e seu tio, o conde Amauri, mostra que o poder de Melusina em tornar o primeiro um homem rico e poderoso, que daria origem a uma nobre linhagem, deve se adequar à estrutura de poder vigente na sociedade em que Raimundo vivia. Após a morte de Amauri, os barões do Poitou deverão prestar juramento de fidelidade a seu novo senhor, o jovem conde Bertran. Melusina diz a Raimundo que ele deve ir à cerimônia e, na presença de todos os barões, pedir algo como presente pelos serviços prestados ao conde Amauri.

Et lui dictes bien que vous ne lui demanderéz chastel ne ville ne forteresse ne chose qui guerres lui couste (...). Quant il le vous aura accordé, si lui demandéz autant de place em ceste roche et em ce desrubant comment un cuir de cerf encloure. Et qu'il le vous donne si franchement que nulz n'y mette ne saiche mettre empescement de homage, de fief ne de rente nulle et de ce prennéz bonnes lettres et bonne chartre seellee du grant seel de la dicte conte et des seaulx de pers du dit país.⁵⁷

⁵⁶ "conde de Poitiers, seu senhor e o conde do Forez, seu irmão". D'ARRAS, J. op. cit., p. 208

⁵⁷ "[...] dizei-lhe que não estais pedindo nada que lhe custe: nem castelo, nem cidade, nem fortaleza, nem coisa alguma de valor; [...] Depois que ele tiver prometido, pedi-lhe que vos dê, desta escarpa rochosa, a quantidade de terras que puderdes abarcar numa pele de cervo. Que ele vos dê esta terra com franquia plena, e não como feudo⁵⁷, sem juramento de obediência, sem tributos, nem a ele nem a qualquer outro. Não deixeis de exigir documentos seguros e um bom título de propriedade, selado com o grande sinete do conde do Poitou e com os sinetes dos pares da região" D'ARRAS, J. op. cit., p. 176-178.

Melusina ainda diz a Raimundo que, no dia seguinte, ele encontrará um homem vendendo a pele de cervo e que esta deveria ser comprada pelo preço pedido pelo vendedor. Em seguida, Raimundo deve ir à região próxima à nascente onde ele se encontrava com Melusina, “para tomar posse de suas terras”, que já terão os limites demarcados, segundo os “planos e desejos” daquela mulher. Ela lhe diz o procedimento a ser adotado: “Et au rapporter les boux ensemble se ly corions croiste, faictes le ramener contreval la vatee, et sachiez que ly ruisseaux de ceste fontaine courra tout contreval et em naistra uns ruisseaulx asséz grans qui puis aura bien besoing em ce lieu.”⁵⁸ Raimundo segue todos os conselhos de Melusina: consegue a promessa de Bertran que diz lhe conceder essas terras “com franquia plena” e d’Arras afirma que a carta que garantia a posse de Raimundo foi feita rapidamente, e, em seguida, aprovada pelo Conselho do condado e não só selada pelo conde como também pelos pares da região, que juntaram seus selos, para testemunhar a validade do acordo.

A interferência de Melusina podia ser percebida, pois, quando Raimundo chegou ao local, já haviam sido cortadas muitas árvores. Todos os trabalhadores que acompanhavam Raimundo no momento da demarcação das terras desapareceram, sem ninguém saber de onde eles vieram ou para onde eles foram. Trata-se do poder misterioso de Melusina atuando em favor da promessa que ela havia feito a Raimundo. No entanto, a intervenção da fada para garantir o primeiro sinal de poder daquele homem - dado pela quantidade de terras que ele teria sob seu domínio - estava submetida à estrutura do poder, uma vez que Melusina só pode agir após a garantia de que aquelas terras seriam totalmente livres da intervenção do poder senhorial de Bertran. D’Arras faz questão de repetir pormenorizadamente o processo através do qual aquelas terras foram obtidas por Raimundo, frisando a concordância dos barões de Bertran e dizendo que o acordo fora firmado em documento escrito, com a aprovação de um conselho e de todos os pares da região. Raimundo tinha de ter aquelas terras sem prestar contas a nenhuma outra pessoa, a fim de que o poderio dos Lusignan pudesse ter início. Para que o poder de Melusina pudesse atuar, deveria existir uma mínima abertura do mundo do poder a ela. Raimundo mata seu tio e senhor, e, após encontrar Melusina, ele não foi submisso a mais ninguém. Alain Guerreu lembra-nos de que o assassinato durante uma caçada, muito presente na literatura medieval, é a imagem da traição e da ruptura da *fides*, mostrando-se como uma ameaça à coesão da aristocracia e de sua sobrevivência⁵⁹. Tal motivo é usado por d’Arras para

⁵⁸ “E, quando vos estiverdes preparando para juntar as duas extremidades, se a correia esticar, fazei-a descer em direção ao vale, pois sabeis que a água desta nascente, escoando, dará origem a um riacho que será bem útil neste lugar.” Idem, p. 178.

⁵⁹ GUERREAU, A. “Caça”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J.C. op. cit. pp. 139-151.

marcar o momento em que Raimundo, rompendo a fidelidade que ele devia a seu tio, abre caminho para que aquilo que Amauri tinha visto nas estrelas pudesse ser concretizado.

Raimundo jamais conseguiria romper aquela estrutura se não fosse por um evento maravilhoso: o encontro com uma fada à beira de uma fonte. Se Raimundo alcançasse tudo o que alcançou de uma outra forma que não fosse pela intervenção do poder misterioso vindo de Melusina, suas conquistas poderiam não ser consideradas legítimas. À época de Jean d'Arras, contava-se que certos homens encontravam belas mulheres à beira de lagos e de fontes e que tais mulheres costumavam dar a esses homens riqueza e poder. A isso, d'Arras acrescenta: ela só dá poder passando pela própria estrutura de poder humano. O caminho de Raimundo para chegar ao poder deveria ser legítimo. Melusina podia fazer inúmeras coisas fantásticas aos olhos dos homens, mas d'Arras limita seu poder e coloca um limite para sua intervenção no mundo. Sua função é dar origem aos Lusignan, torná-los uma linhagem conhecida, poderosa e rica. Depois de cumprir sua tarefa, ela não tem mais função na história e é retirada do convívio dos homens.

A intervenção de Melusina é também desestruturadora. A posição subalterna a que Raimundo estava destinado foi subvertida quando Melusina aparece. Ela subverte também a ordem quando pune seu pai. E para se salvar, ela tenta uma nova subversão que é se unir a um mortal, homem de uma natureza diferente da sua. Nesse ponto, o *Romance de Melusina* parece ser de um conteúdo extremamente conservador. Todos tinham seus papéis definidos naquela história. Raimundo, após a partida de Melusina, sequer continua sendo o senhor de Lusignan. O único lugar no mundo para onde ele pode ir é a ermida, onde vai viver uma vida solitária. Não foi o desejo de ascese, de elevação espiritual e de proximidade com Deus que levou Raimundo a se retirar de Lusignan e de seu convívio com os homens. Seu argumento é de que gostaria de passar o resto de sua vida em oração por Melusina. O fato de Raimundo ter se tornado eremita tem características de penitência, porém, no fundo, revela um caráter de exclusão. Raimundo fica como que escondido. Sem Melusina, ele não é mais o senhor poderoso de antes. Ele nem mesmo volta à condição do início; não há mais lugar para ele naquela sociedade. Como afirma Vincensini, quando Raimundo e Melusina se encontram pela primeira vez, “a aliança dos dois banidos permite que eles retornem juntos sociedade dos homens”⁶⁰. O assassinato durante a caçada havia ameaçado, como afirma Guerreau, a coesão daquele grupo social ao qual Raimundo pertencia. No entanto, sua afronta à *fides* não ficou sem punição, pois Raimundo foi banido da sociedade e parte tal como um exilado para a ermida em Aragão. A separação

⁶⁰ VINCENSINI, J-J. “Introduction”... op. cit. p. 38.

de Raimundo e Melusina ocasiona o retorno à condição que cada um assumia no início.

Melusina também é banida deste mundo por tentar perverter a ordem. D'Arras, ao fantasiar Melusina como uma boa católica, mostra que seu verdadeiro desejo era o de fazer sentido nesse mundo. Ela vem ao mundo dos homens supostamente para se livrar da maldição. Mas no fundo, ela está tentando fazer parte do mundo dos homens. Mas a ela não é permitido tal acesso, ainda que se cubra de vários signos necessários à aceitação naquela sociedade que, em Melusina, se manifestam no seu desejo em participar do universo de crenças e ritos cristãos. Quando Melusina e Presina estão em seu mundo, na Ilha de Avalon, tudo está bem, não há conflito. No lai *Lanval*, o cavaleiro é levado por sua amada para a Ilha de Avalon, único local onde poderiam viver seu amor sem nenhum risco. Nesse caso, o homem renuncia ao convívio na corte do rei Artur, preferindo ir para um outro e desconhecido mundo. A Ilha de Avalon, no *Romance de Melusina* e no lai do *Lanval*, aparece como local no qual as fadas poderiam viver sem problemas, um mundo no qual sua natureza era aceitável. Mas, no momento em que elas intervêm no mundo dos homens, começam as tensões. Tais tensões são tão impossíveis de ser resolvidas que ocasionam a partida de Melusina. O interdito, cuja função é manter a mulher no mundo dos homens, é desrespeitado porque todo esforço feito pela mulher para viver entre os homens não é suficiente. O relevo dado a esses conflitos não resolvidos é necessário, para que se cumpra a estrutura do “conto melusiniano”. Melusina só pode existir como uma entidade cíclica, que causa tensões entre esse mundo e o seu, pois encarna o mistério do que pode existir para além desse mundo humano.

Os barões, dentro da narrativa, representam aqueles que reconhecem seu lugar e tudo fazem para cumprir seu papel da melhor forma possível. Ao longo do romance, em todas as situações, disputas, vitórias e lamentos, eles estão presentes. São sempre consultados quando alguma decisão deve ser tomada, sendo o principal apoio de todos aqueles que detêm o poder.

Os barões do conde Amauri ficaram desolados com sua morte e são eles que consolam sua família. A opinião deles tem sempre grande peso. Melusina diz a Raimundo que o herdeiro de seu tio lhe concederia uma dádiva já que seus barões o aconselhariam a fazer isso⁶¹. O filho de Amauri só tomava decisões que estivessem de acordo com os desejos de seus barões, e Raimundo, sabendo disso, se dirigiu diretamente a eles: “Entre vous, barons de la noble conte de Poictou, plaise vous a entendre la requeste que j’entens a faire a mon seigneur le conte et, s’il vous semble qu’elle soit raisonnable, que lui priéz qu’il

⁶¹ D'ARRAS, J. op. cit., p.176.

me veulle acorder.”⁶². O jovem conde responde: “S’il plaist a mes barons, il me plaiste bien”.⁶³

São também barões aqueles encarregados por Melusina de cuidar de seus filhos Uriã e Guido, quando eles vão para o Oriente: “Et ont quatre barons, que de Poictou que de Guienne, a qui elle bailla ses enfans en gouvernance”.⁶⁴

Os barões tiveram outras funções importantes nessa expedição. Comandaram tropas, eram parte importante do exército e sua presença está relacionada à proteção do reino. A ausência dos barões explica as derrotas nas batalhas iniciais, já que à primeira investida, o sultão. “[...] mettre le siege soubdainement devant Famagouste ou il trouva le roy desporveu de sa baronnie”⁶⁵ Sem o grupo de homens que o apoiava, era mais difícil para o rei proteger o local. Os barões estão sempre no lugar onde se espera que eles estejam, cumprindo a função que se espera deles. Tal atitude contrasta com a de Raimundo e Melusina, por exemplo, que pretendem não ocupar o lugar para o qual foram designados, insistindo num encontro impossível entre seres de natureza diferente.

A relação entre um ser humano e uma fada jamais pode perdurar. A história precisa dar errado, para que Melusina sempre volte a assombrar o castelo e trazer à memória sua história. Se tudo desse certo e Raimundo não tivesse nunca revelado que a teria visto em forma de serpente, ela morreria e a história dos Lusignan seria como qualquer outra. Mas a história da fundação da fortaleza de Lusignan não pode ser comum. A penitência de Melusina que lhe deu uma natureza híbrida e imortal dá prestígio à linhagem pelo mistério que encerra.

E é exatamente por isso que a história de Melusina serve a d’Arras. Ela é malfadada, mostrando o que acontece quando se tenta perverter o ordenamento social do mundo. Godofredo, que sabia muito bem qual era o seu papel, pode se tornar o legítimo senhor de Lusignan. Ele havia defendido bravamente sua linhagem, tentando afastar todos os perigos que pudessem provocar sua decadência. Ele também recupera toda a memória, numa atitude de revelação.

Vincensini se faz uma pergunta ao pensar sobre a estrutura dos “contos melusinianos”.⁶⁶ Para ele a chave de compreensão dessas obras está no fato delas suscitarem questões que envolvem o mundo e seus mistérios. A dúvida suscitada pelo mistério em torno da figura de Melusina era necessária para a legitimação do poder do duque de Berry. Esse mistério é ainda maior porque

⁶² “Barões do nobre conde do Poitou, peço-vos escutar o pedido que pretendo fazer ao senhor conde, e se esse pedido vos parecer cabido, solicitai-lhe que me atenda”. Idem, p.180.

⁶³ “Se isso agrada a meus barões (...) também me agrada.” Idem.

⁶⁴ “Ela confiou a quatro barões do Poitou e Guyenne a incumbência de cuidar de seus filhos.” Idem, p. 304.

⁶⁵ “(...) sitiou Famagusta, onde encontrou o rei sem seus barões”. Idem, p. 326.

⁶⁶ VINCENSINI, J-J. *Pensée mytique...* op. cit. p. 399.

d'Arras se nega a associar Melusina a um mundo diabólico. Este seria o caminho mais fácil, mas d'Arras não opta por ele. O autor diminui a possibilidade de acessarmos o ser verdadeiro de Melusina para que o mistério em torno dela fique preservado.

D'Arras envolve o leitor com tantas e tão intrigantes informações a respeito da figura de Melusina que elas nos mostram como era difícil a apreensão de sua real natureza. Esta, o autor delega ao poder de Deus com seus julgamentos inacessíveis à razão humana. Outra ideia explorada no prólogo pelo autor, se encaixa nessa argumentação. Deus é o senhor de todas as coisas, quer elas devam ou não chegar à perfeição do bem⁶⁷. Após o fratricídio cometido por Godofredo, Raimundo chega à conclusão de que nada vindo de Melusina poderia chegar à perfeição do bem. D'Arras usa esse discurso de Raimundo para apresentar todas as dúvidas que poderiam associar Melusina a entidades malignas, colocando como palavras do personagem o argumento já apresentado e discutido no prólogo. O autor, entretanto, advertia que admitir o fato de alguns seres não terem como finalidade a perfeição do bem não é suficiente para excluí-los do conjunto das criaturas de Deus. Ao utilizar o mesmo argumento filosófico no prólogo e no momento em que Raimundo associa Melusina e seus filhos ao mal, D'Arras estrategicamente fortalece a imagem de Melusina que ele tentou construir ao longo do romance: uma penitente que tenta se livrar de sua pena, procurando a todo custo uma forma de salvar sua alma.

Todas as possibilidades que podem explicar os atos dos personagens⁶⁸ aparecem como de total conhecimento e vontade de Deus. Dessa forma, o autor compromete definitivamente o espaço de ação dos personagens de seu

⁶⁷ É da seguinte forma que d'Arras inicia seu relato: "En toutes choses commencer on doit appeller le Createur des creatures qui est maistre de toutes les choses faictes et a faire qui doivent tendre a perfection de bien et les autres parvenir selon les vices des creatures." D'ARRAS, J. op. cit., p. 111. "No início de todas as coisas, deve-se invocar o Criador das criaturas, Mestre de todas as coisas feitas e por fazer, quer devam elas chegar à forma perfeita, quer devam ter finalização conforme a imperfeição das criaturas." Embora o autor não faça a referência, nesse início de Prólogo há a idéia aristotélica (*Metafisica*, XI, 8 e XIII, 3; *Fisica*, II, 8.), segundo a qual nada é contingência. Todas as coisas têm uma finalidade, tendendo algumas à beleza, e outras ao erro. D'Arras nesse momento faz uma dupla advertência – em relação à obra propriamente dita, a qual ele começa a narrar, já se desculpando pela imperfeição de seus atributos como escritor, e, em relação à história que vai narrar: a de uma família, cuja história foi fadada a um trágico fim, e cujos integrantes tinham características físicas excêntricas; sua finalidade não era o belo. D'Arras porém, acrescenta a ideia de que tudo faz parte do plano divino, e mesmo o que parece um erro está de acordo com os planos de Deus, já que pode expressar a grandiosidade de seus desígnios e revelar a verdade.

⁶⁸ Em alguns casos, d'Arras oferece mais de uma possibilidade explicativa para as atitudes dos personagens. Por exemplo: Godofredo matou os monges para defender sua linhagem, mas também porque eles eram devassos. Godofredo é responsável pela partida de Melusina, mas Raimundo também o é pois, cego pela sua ira, ele revelou a condição de sua mulher.

romance, demonstrando sua faceta conservadora e mostrando que, para ele, as ações humanas são determinadas por uma força maior.

